

ADFA

Associação dos Deficientes das Forças Armadas

PROPRIEDADE ADMINISTRAÇÃO E REDACÇÃO

Associação dos Deficientes das Forças Armadas
Palácio da Independência - Largo de S. Domingos - Lisboa - Telef. 36 21 67
Director Interino - António G. Calvino

Comp. e Imp.

Tip. Escola da A. D. F. A.
Rua Artilharia Um — LISBOA

EDITORIAL

Logo que o M. F. A., conjuntamente com o Povo Português, iniciou uma revolução, outras forças apostaram, também de imediato, que esse esforço seria neutralizado. Logo empenharam toda a sua capacidade e saber, no sentido de transformar em derrota aquilo que o Povo e as classes trabalhadoras logo consagraram em vitória no 1.º de Maio. Desde atitudes abertas e directas, até às indirectas e camufladas, tudo têm feito para não deixar fugir os privilégios a que desesperadamente ainda se agarram. Se no 28 de Setembro, através duma tomada de posição clara, nos foi mostrada a sua verdadeira face, outras há, diárias e permanentes, que muito ferem e muito prejudicam o processo revolucionário em curso. E não é apenas a sabotagem económica. Pequenas coisas, que têm grande significado, vão tendo lugar, explorando, por exemplo, um fraco das pessoas: a impaciência.

Pessoas fortemente reaccionárias ocupam, neste momento, lugares-chaves da Administração Pública, onde se dedicam exclusivamente a dificultarem o andamento das coisas e a resolução dos problemas dos interessados.

Situações havia, antes do 25 de Abril, que eram consideradas tabus, não se lhe podendo sequer tocar. O M.F.A. abriu todas as portas e imediatamente nasceu uma luz nas pessoas e uma confiança que estes inimigos do Povo agora estão empenhados em apagar, pretendendo assim fazer nascer nas pessoas a desconfiança e provocar mesmo o descrédito do M. F. A.. Quem são essas pessoas? Cada qual, no seu sector, bem as conhece. Quanto a nós, deficientes, sentimo-las, precisamente as mesmas que antes do 25 de Abril empurravam o processo da reabilitação e reintegração, nos mesmos postos ou em outros, por vezes até promovidos, mais fortes e com mais capacidade de decisão. Essas pessoas, que dantes consideravam os deficientes matéria inerte, olham-nos agora, que nos vêem e sentem activos e progressistas, com certa raiva e desprezo, tentando sabotar os nossos empreendimentos, e tudo fazendo para mostrar que o 25 de Abril nada veio resolver, antes pelo contrário. Mas nós, declaramo-lo solenemente, não permitiremos que esse processo anti-revolucionário prossiga. O Povo está em luta e para grandes males grandes remédios.

SESSÃO DE ESCLARECIMENTO E CONSCIENCIALIZAÇÃO

Realizou-se no pretérito dia 31 do mês de Janeiro, no Pavilhão dos Desportos, ao qual acorreram centenas de pessoas para escutarem os inúmeros problemas que afectam os deficientes em geral, a sessão de esclarecimento e consciencIALIZAÇÃO, promovida pela nossa Associação, com o apoio das Comissões Coordenadora e Dinamizadora Central do M.F.A., e amplamente divulgada.

Armadas, constava a dinâmica e o progressismo revolucionário que caracterizam esta Associação não pode deixar de ficar surpreendido com tal situação que neste caso se reveste de particular originalidade. Eu refiro a palavra originalidade porque ao contrário das suas géneres, nacionais ou estrangeiras, a Associação dos Deficientes das Forças Armadas não resvalou como intuitivamente se poderia supor

dio prazo, em atitude de franco repúdio consciente pelas enganosas e aliciantes, quando não fomentadas do exterior, medidas instáveis de aparente solução imediata.

Pois a esse observador, que no fundo somos todos nós, que aqui viemos ser esclarecidos, sobre o processo que de momento apenas admiramos, não pode ser omisso o conhecimento sobre o que foram as origens da actual Associação dos Deficientes das Forças Armadas, e os porquês do agradável, embora estranho, paralelo e analogia que associa ao MFA.

Não foi por acaso que as primeiras reuniões do então movimento de Capitães se efectuaram no Depósito de Indisponíveis. Mesmo antes da reunião de Évora, as primeiras reuniões foram feitas no Depósito de Indisponíveis. A longa amizade que desde já unia os elementos do primeiro núcleo que organizou o MFA juntamente com os primeiros obreiros daquilo que, na altura, por compreensível infelicidade de designação nós chamávamos o movimento dos mutilados, não estávamos ainda a par de determinada terminologia, completou-se pelo conhecimento recíproco de uma profunda identidade ideológica. Gémeas de nascença partindo duma afinidade ideológica comum, os dois movimentos evoluíram desde então paralela, quanto independentemente, fazendo juntos a mesma aprendizagem política que só a prática da luta consolida. Por outra curiosa analogia ambos os movimentos mais conscientes corrigiam posteriormente também os nomes por que eram conhecidos.

(Continua na pág. 2)



A sessão foi preenchida, integralmente, na primeira parte, com a actuação do grupo «Alerta Está» e pela Banda do Regimento de Artilharia Ligeira n.º 1, dirigida pelo capitão Silvio Lindo Pleno, que terminou a sua actuação com «Grândola, vila morena», que foi cantada duas vezes em coro com a assistência.

A segunda parte foi aberta pelo presidente da direcção da A.D.F.A., capitão Calvino, que iniciou a sessão de esclarecimento propriamente dita, referindo-se às intenções da associação em não querer esmolas, sobrevivendo da caridade, mas defendendo o direito ao trabalho lutando pela abolição da marginalização e pela integração numa sociedade que todos desejamos mais justa e mais fraterna.

O capitão Dinis de Almeida, em nome da Comissão Coordenadora do M.F.A., pronunciou a seguinte alocução:

«Quando um observador, menos atento às origens do processo que culminou na constituição da Associação dos Deficientes das Forças

para o caminho fácil da exibição lastimosa, cicatrizes, procura esmolada, subsídios, ou outras atitudes semelhantes, tão carregadas de saudosismos reaccionários, mas sim autoconstituiu-se independente, progressista, dinâmica, atenta às soluções estáveis e eficientes a mé-

A ADFA ACUSA

Carta aberta à dita A. P. D. (Associação Portuguesa de Deficientes)

Exmos. Senhores,

Para os devidos efeitos informamos V. Exas, de que em Abril de 1974, mais precisamente, no dia 25, o Povo oprimido vestiu a figura, pegou na espingarda e veio para a rua libertar Portugal das figuras de retórica e decorativas.

Mais informamos V. Exas., de que o 28 de Setembro resultou numa 2.ª vitória do Povo trabalhador.

Informamos ainda V. Exas. de que, em face do exposto, as imposições de cúpula terminaram e que os explorados podem finalmente

trilhar por seus pés os caminhos da libertação.

Rogamos a V. Exas. o obséquio duma subidazinha até à miséria dos instrumentos de caridade que ajudastes a colocar neste País como figuras decorativas.

Insistimos ainda junto de V. Exas., para que nos não continuem a conspurcar os caminhos da verdadeira Reintegração.

Sem outro assunto, apresentamos a V. Exas. os nossos mais elevados protestos, pela vossa teimosia reaccionária e transcrevemos um dos

Continua na pág. 2

SESSÃO DE ESCLARECIMENTO E CONSCIENCIALIZAÇÃO

(Continuação da pág. 1)

Participantes no 25 de Abril e actuantes ainda no 28 de Setembro, de arma na mão, ao nosso lado R.A.L.-1, nas horas críticas, deficientes das Forças Armadas deram-nos um apoio moral e não foi só moral foi físico também que até hoje ainda não foi suficientemente divulgado.

Na passado, nas origens do MFA, estiveram também presentes ajudando-nos a distribuir panfletos do MFA, redigindo também connosco comunicados, (certos comunicados clandestinos que nós usávamos para despertar a consciência dos oficiais do exército, dos sargentos e das praças), comunicados esses clandestinos, que vieram finalmente permitir a tomada de consciência por parte do exército.

Expressaram independentemente as suas opiniões e expressaram-nas também em conjunto connosco M.F.A.. Mas enfim, esses pormenores pertencem à história do movimento que será publicada oportunamente, e a história do movimento não se esquece de vós, deficientes das Forças Armadas.

Partindo destes factos começamos então a compreender a aceleração sob o ponto de vista de politização de que beneficiaram, aceleração política essa, que não foi colhida na leitura cómoda de livros teóricos mas sim forjada numa luta árdua à qual não têm faltado as maiores dificuldades.

Foi uma luta que nos fez tomar conhecimento dos nossos direitos, cidadãos iguais aos outros, que são, mas que marginalizados foram noutras épocas, foram marginalizados e aproveitados.

A direita, camuflada em partidos que não usam reflectir nas suas siglas as suas verdadeiras intenções económicas, apoiadas nas esquadras estrangeiras que nos visitam, bem gostaria de vos aliciar para desfilarem silenciosos, nas suas manifestações, e bem o têm tentado, mas não são esmolas periódicas ou benzeduras que resolverão o problema dos deficientes em Portugal. Só a mudança, quem sabe se violenta, do sistema económico em que vivemos, permitirá criar estruturas eficientes e estáveis de acordo com as suas necessidades. A cada um de acordo com as suas necessidades. A cada um de acordo com as suas necessidades, não é palavra de ordem que agrade a certos partidos.

A A.D.F.A. constitui uma grande força em Portugal. O capitalismo, atento, procurará aliciar-vos, hierarquizar-vos e burocratizar-vos. A defesa intransigente da vossa independência é a melhor resposta a tais tentativas de controle já esboçadas, aliás. A vossa dinâmica e progressismo criaram-vos felizmente, também, grandes responsabilidades.

As Forças Armadas apoiam as formas de lutas actuais dos seus deficientes, admiram-vos e tomam-vos como exemplo.

Um outro membro da direcção da A.D.F.A., capitão Lavouras, exortou os deficientes civis a associarem-se, incentivando-os, expondo a luta da associação e os problemas levantados por alguns elementos do primeiro Governo Provisório.

O presidente da Comissão Dinamizadora Central do M.F.A., primeiro tenente médico Ramiro Correia, disse em seguida:

«Meus amigos, neste momento,

talvez mais do que nunca, as palavras em Portugal são sérias, as palavras são pesadas, as palavras são actos, e hoje em Portugal duas palavras se nos põem à frente, a palavra serenidade e a palavra firmeza.

Serenidade, que não é de maneira nenhuma complacência, com situações de injustiça social como as que nós temos. Serenidade, que deve levar-nos a analisar a situação e a rejeitar situações duvidosas; e complacência ou de falsas unidades, que não sirvam realmente os interesses das classes trabalhadoras.

Pensamos que é necessário, que a palavra unidade possa ser valorizada, naquilo que tem de mais valioso, que é a reunião à volta do mesmo ideal, à volta da defesa das classes trabalhadoras, de todos aqueles que realmente as devem defender.

Firmeza, que se torna necessária para ultrapassar dificuldades, porque nós pensamos que as dificuldades se existem, efectivamente, devem encontrar da nossa parte a firmeza suficiente para as ultrapassar, não sendo a dificuldade o motivo de paragem, mas sim de utilização de maior força, uma força controlada mas firme, para decididamente caminhar nas vias do futuro.

Só quem não quiser ver, ou quem for muito míope, é que poderá negar a situação catastrófica em que o país se encontra...

... Nas praias do mar, os pescadores, nas cidades, os funcionários públicos, nós verificamos que os trabalhadores portugueses se encontram na situação de grande inferioridade. As classes desfavorecidas da sociedade portuguesa são realmente quase toda a sociedade, apenas um pequeno número de privilegiados, é que realmente não é desfavorecido.

Ao longo dos anos de guerra, nós fomos habituando com mágoa, com amargura, com revolta, a ver cair ao nosso lado camaradas para nunca mais se levantarem, e outros, ficarem com problemas físicos como mentais de que nunca se conseguiram até agora ultrapassar esses problemas.

Porque um homem não consegue, pelo seu esforço isolado, ultrapassar as suas dificuldades. Um homem é um ser social, e só integrado com outros homens na luta comum, é que é possível realmente criar uma sociedade em que não haja mais explorados, em que não haja mais humilhados. E em Portugal ainda hoje, a maioria do povo português é explorada e é humilhada, e esta situação tem que ser ultrapassada.

A luta, dos nossos camaradas deficientes das Forças Armadas, a luta, de todos os homens portugueses diminuídos, em qualquer sector, e que encontra uma sociedade que é agressiva, que despreza o homem, que despreza a dignidade humana, que não garante a justiça social, é uma luta comum a todos os portugueses.

Enquanto houver em Portugal um homem humilhado, um homem explorado, a luta do Povo Português e a luta do MFA não pode parar. E neste momento, eu acabo como comecei, as palavras são sérias, as palavras são actos, e nós estamos em luta.»

Foram lidas em seguida moções de apoio à sessão e à A.D.F.A nomeadamente as seguintes:

Alunos da Academia Militar, Intersindical, Liga de Unidade e de Acção Revolucionária (LUAR), Companhia de Instrução do Regimento de Engenharia N.º 1, Partido Revolucionário do Proletariado — Brigadas Revolucionárias (PRP - BR), Sindicato das Garagens e Estações de Serviço do Distrito de Lisboa, Sindicato dos Electricistas do Sul e Equipa de Informação Interna e Relações Públicas do Regimento de Artilharia Ligeira N.º 1.

Das mensagens, frisam alunos da Academia, que os Deficientes das Forças Armadas são, de entre todo o Povo Português, as vítimas mais marcadas dum guerra injusta, movida no interesse dos grupos monopolistas e do imperialismo internacional, e que as causas que determinam a sua injusta situação são as mesmas que permitem as tristes condições de vida e de exploração do nosso povo.

A Intersindical, consciente de interpretar a vontade dos trabalhadores portugueses, apoia a justa luta pela integração, com total igualdade de direitos ao lado de todos os trabalhadores na construção de uma sociedade dos trabalhadores e para os trabalhadores.

O PRP-BR afirmou que na hora presente, o combate contra a reacção e contra o fascismo é a mesma luta que os revolucionários e os trabalhadores travam pela Revolução Socialista, e que este combate é um combate de classe em que todos os trabalhadores se integram, e só organizadamente se pode tornar vitorioso não dispensando velhos ou jovens, homens ou mulheres, civis ou militares, deficientes ou não, porque na luta armada, como dizia Lenine, todos podem participar até os cegos e os surdos, porque os cegos ouvem e os surdos vêem.

A LUAR exortou o espírito de luta da A.D.F.A que enfrentou diversas dificuldades, umas levantadas pelo então Ministro da Defesa Firmino Miguel, outras pelo próprio General Spínola que tentou integrar a Associação na organização reaccionária, Liga dos Combatentes, da qual pretendia fazer uma nova Legião ao serviço dos inimigos do Povo, e que o problema dos deficientes não se resolverão nem pela caridadezinha nem pela pedinchisse, e que a sua total reintegração, como homens iguais aos outros, só será possível numa sociedade socialista, em que a norma seja a justiça e não o lucro, com o qual se banqueteia uma minoria de senhores que passa por cima de tudo aquilo que não diga respeito à manutenção dos seus interesses, e é lado a lado com a classe trabalhadora todos unidos, que ajustaremos contas com os responsáveis pelas guerras que nos marcaram e, então, construiremos um mundo novo e uma sociedade justa.

A parte final da sessão foi preenchida por diversas questões e problemas que foram apresentados à mesa entre os quais se salientam problemas concretos com que os deficientes se debatem e os obstáculos com que quotidianamente deparam a nível social, de assistência e burocrático. Foi focada também a razão porque ainda existem homens e mulheres a trabalhar em instituições militares, exercendo funções que poderiam ser desempenhadas perfeitamente, quer física, quer psiquicamente, por deficientes.

A A.D.F.A ACUSA

Continuação da pág. 1

gritos lacinantes dum das vossas vítimas.

TRANSCRIÇÃO DE UMA CARTA — recebida em 7/2/75:

«Quando V. Exa. chamou à Associação Portuguesa de Deficientes parasitária, foi muito delicado, muito brando, ou talvez ignore a verdadeira face dessa Associação. Vieram logo eles no jornal com a «lata» de que não são nada deficientes mas sim eficientíssimos. Essa Associação foi fundada por um ramalhete de fascistas dos mais amarelos, os chamados ultra-direitistas. No Congresso da ANP do Porto um dos seus sócios fundadores o ultra Cap. Vilalobos foi vedeta. No Congresso de Tomar igualmente por uma das estrelas importantes. Vedetismo e política choca era a única forma dos interesses desses manos. Maj. Pamplona, Vilas Boas, Lomelino, Piedade, Monteirinho e outros mais ultra-fascistas, reuniram-se e mungiram a vaca do fundo de mão de Obra que os contemplava com 100 contos de cada vez. A Legião Portuguesa cedeu as instalações. A Televisão deu-lhes guarda. Se lerem a Capital de Abril (antes do 25) de 74, hão-de lá ver uma reclamação de uma pobre mãe com um filho de 13 anos doente de paralisia cerebral que recorreu aos «manos» e foi despachada em grande velocidade, o rapaz tinha a 3.ª classe e apesar da grave doença gostava de estudar, tinha sido sempre transportado para a escola nos braços da pobre mãe, que por fim já não podia com o peso dum corpo semi-morto e recorria a essa famigerada associação para lhe ser facultada uma cadeirinha de rodas. Já tinha vindo da Misericórdia onde o mesmo lhe acontecera. Fora despachada também. Claro que os manos que agora se mostram tão activos e «democratas» em reuniões a todos os níveis, não esperavam um 25 de Abril. O 25 de Abril de que agora enchem a boca.

O Engenheiro Callé do F.M.O. fornecia o capitalzinho e sócio também era e fundador, claro, da fascista A.P.D. Dizem que desde Maio de 74 têm nova direcção. Gostava de os ver prestar contas, pois sei-os fascistas e malandros. Antes do 28 de Setembro, alguns dos cavalheiros fundadores da A.P.D., fundaram alguns daqueles partidos que vieram a defuntar em fins de Setembro. No Partido Liberal, dias antes do 28 de Set. o Cap. Villa Lobos. Na manhã de sexta feira a seguir à tourada do Campo Pequeno, arrepiava ouvir alguns desses bons democratas fazerem uma grande chacota falando mesmo em vitória. Para eles e para o diabo que os consuma. Na 2.ª feira seguinte andavam murichinhos, tadinhos... Cap. Calvino, alerta com eles. Eles têm muito «cacau» que mungiram à outra Senhora do F.M.O. Eles querem-se limpar, querem ser democratas impolutos, mas, o comboio que eles tomaram estava atrasado 50 anos. Querem ser vedetas redentores e talvez estejam já precisados de mais cacau. Andam activíssimos, comunicam com o querido Caetano, dão uma mãozinha à democracia, enfim sabotam o que podem, fazem o que sabem. Cuidado com eles, pois, lata é coisa que não lhes falta. Julgo que estas linhas podem ajudar.

A sua veracidade, pode ser comprovada.

Sem mais, cumprimentos.»

CARTAS DO LIVRO POESIAS E CARTAS

« JOSÉ BAÇÃO LEAL »

(Continuação do número anterior)

Não, Luís. Não poderei ler o «mito de sísifo». Seria fazer bato-ta. Facilmente te explicarei por-quê. Não sei se sabes, mas vim para o Alentejo de carro com o João Tomé. Ele ficou cá uns dias e já voltou para Lisboa. Acontece que à saída de Évora passámos bastante perto desse fantasma suplicante que dá pelo nome de morte. Apenas isso; bastante perto.

Milagrosamente não chocámos com um tractor parado, sem luzes. Íamos a mais de 100. Passámos milagrosamente entre duas árvores para depois repousarmos com violência num campo lavrado. O carro ficou de rodas para o ar e a cerca de 150 metros do tractor. Lá dentro, os dois estávamos imponderavelmente vivos e apenas sangrávamos um pouco. O João estava abaladíssimo. Eu estava talvez melhor. Há coisa de 3 anos passei por uma, mas muito menos perigosa. Essa minha experiência anterior de dar uma volta completa dentro dum carro fez-me passar por esta com plena consciência do que acontecia. Assim, eu tive a noção de tudo o que se passou ao nosso lado. O João, não. Para ele tudo se passou num espaço de tempo incontrolável. Eu vi que passávamos a cms do tractor — até porque era o meu lado que chocaria — vi que passávamos entre duas árvores e, por último, fui eu que vi o tractor a cerca de 20 m de nós. Agora o pior ou o melhor: durante décimos de segundo pensei a morte inevitável, sentia uma mão interior a tentar puxar-me para trás. Era o medo. Eis portanto a questão; tive um medo horrível, um medo desesperado de morrer. Começas a compreender porque seria fazer batota ler o mito de sísifo. Sim. Seria uma batota repugnante, masturbar-me intelectualmente com frases pré-concebidas sobre uma coisa inconcebível. Claro que perguntei a mim mesmo; porque não houve o choque? Perguntei, mas a resposta nem sequer ecoou. Sobre Albert Camus que era por certo um eleito dos deuses — até porque morreu novo (concepção antiga) — admito que ele era um lúcido, um intelectual avisado, tudo o que quiserem menos um ressuscitado. As suas considerações sobre o suicídio só eram válidas para ele próprio. Digo mesmo que ele não tinha o direito de as tornar públicas. A morte é uma experiência de uso pessoal. É mesmo, pelo menos assim o creio, irreduzível a termos de vivos. Dissecar a morte é pôr uma carta numa gaveta que continuará vazia. É acrescentar qualquer coisa a qualquer coisa que continuará na mesma. E como vês, talvez seja acrescentar, talvez seja preencher um vazio necessário. Talvez seja tudo o que quiserem menos motivo para diálogo social. (Por diálogo social entendo um diálogo entre um homem e a sociedade, em que só o homem é que fala).

E sobre o suicídio um pouco mais. Descobri o mistério de Antero de Quental. Antero não se suicidou. Foi apenas Deus que o chamou. Vê se me acompanhas; Antero em vida foi um constante combatente do destino, principalmente do destino dos outros. Ora, Deus, que o conhe-

cia bem, quis dar-lhe essa última alegria, a de morrer sozinho e por escolha. Antero sofria horrivelmente. Nem o sabor da glória o apaziguava. Exigia uma vida ideal, na qual, quem sabe? os homens morreriam só quando o achassem justo. Deus compreendeu-o. Naquele entardecer em que, num banco de jardim, Antero se despediu, foi Deus que o acompanhou. Não consideres isto uma blasfémia. A vida de Antero é digna de a dum santo. Li algures, que Antero podia ter sido um companheiro de S. Francisco de Assis. E é verdade. Quando um homem luta pelo destino dos outros, como Antero lutou, tem por certo na alma uma chama etérea.

O meu caso pessoal, infinitamente mais humilde que o de Antero, é no entanto difícil. Mais do que nunca, sinto que passeio agarrado a uma nuvem numa extensão de ar infinita. Não aceito a vida, nem aceito a morte. Nunca sei bem se estou agarrado à nuvem ou se estou a cair. Passeio apenas. Com consciência e sem consciência, passeio. Percorro os dias sem que uma distância se elabore. E não ter distâncias, não ter perto nem longe, dói, dói bastante. (Já nem pena das palavras... tenho).

Resolvi acender um cigarro. Sempre é um sinal de vida. Sobre a questão Universitária sabes o que eu penso. Intolerante! Profundamente intolerante para os que não compartilham desta opinião: o homem deve ser livre no território da razão. É fundamental, Luís, é fundamental que o homem possa pensar, que o homem tenha direitos. Que importa os que não entendem esses direitos se uma minoria de homens justos puder viver, será sempre melhor do que uma sociedade de algozes. E a liberdade é a verdadeira bandeira dos homens justos.

Dizes que não repousas os olhos numa mulher belíssima há imenso tempo. Que direi eu? Aqui as mulheres trabalham intensamente e, porque o campo é rude, envelhecem precocemente.

Tenho porém pensado bastante no meu destino de homem sozinho. Reconheço que necessito mais do que nunca duma garota. Do seu gesto próximo de mim. Quero eu dizer que uma presença feminina a meu lado me traria confiança e talvez mesmo vida. A mulher é um ser admirável, por vezes tão lamentavelmente compreendido. Por certo deslumbraria o paraíso se aqui tivesse a meu lado a jovem cantante do meu sonho d'ouiro. Tu com certeza também pensarás no teu caso. Precisas de uma jovem tranquilla a teu lado. Merece-la.

A única solução é esperar, fazendo os possíveis para que a solidão não nos traia no rosto. É que a solidão tem olhos de pária. É não convém conhecer o desprezo dos outros.

Perdoar-me-ás esta longa carta. Mas o tempo aqui é lento e além disso escrever é falar. Tenho-me sentido um Hamlet na plena pujança dos seus monólogos. Apenas o meu «ser ou não ser», tem outra forma: pensar, para não viver ou viver, para não pensar?

Que não te sintas na obrigação de responder a esta carta. Tens

bastante que estudar e a vida aí é diferente. Eu continuarei por aqui. Não sei bem até quando. Pelo menos até um amanhã, se o destino não voltar a erguer barreiras no caminho.

Que a paz te acompanhe e os deuses te entendam!

ao Luís
22 Nov. 62

Hoje, estou quase bêbedo de tristeza. Profundamente só, vou-me perdendo na noite. Estou vencido e massacrado, como não calculas. Desejaria que a noite fosse eterna, que o céu sorrisse pela boca das estrelas, que uma virgem verde e loira cruzasse o seu gesto com o meu... Seria pedir de mais, eu sei. O meu destino de homem, talvez de pária, não deve comportar desejos etéreos. Assim, resta-me converter a dor ao credo das palavras. É, de facto, demasiado doloroso não ter um pedaço de amanhã guardado para uma alegria, é mesmo quase humilhante de tão cruel. Mas parece que convém continuar. Ou pelo menos fingir que a angústia não é conosco. «Tudo, menos a piedade...» (diria o Álvaro de Campos). E diria certo. Mas, às vezes, o coração contorce-se e é necessário sangrar. Como hoje, dia igual a tantos outros, que já nem sei bem se chegaram a passar. Ia dizer à frente! e encontrei-me a sorrir. Acontece-me sempre isto, quando tento projectar-me num espaço ou num tempo. Qualquer dia de tão irreal, talvez acorde homem. Talvez me cresçam certezas na boca... E, no entanto, acredito, com toda a verdade das minhas veias, que é decisivo ignorar as armadilhas da floresta. Isto, se se quiser ser um «irmão» segundo a fábula de Cristo, Homem-Pureza. Ah! quanta verdade envergonhada no que digo!... Pudesse eu ser coerente... Entendo que me perco. Tu estás para aí, atirado por mão ignóbil, e não tens culpa nenhuma do que o ar desta cidade faz, a quem, solitariamente, se vê forçado a viver nela. Sim, não tens culpa e é até, quer-me parecer, indelicado da minha parte interromper com lamentos a tua «patriótica» aventura. Dobro-me, portanto, ao alto significado da tua missão... (?) Neste momento difícil, todos somos necessários (?)... é de homem que cumpramos...! Eu, no entanto, delicio Baco, ou antes, mais modestamente, delicio-me com Baco. São sensivelmente 22 h. Às 24 tenciono estar patrioticamente bêbedo. E desta vez de vinho. É a tal solução, que é solução, porque adia as soluções. E acabei, assim o creio.

José Bação

P.S. Suponho que deves voltar breve. Queres que eu vá saber alguma coisa dos teus exames? Envio-te um poemeco, dos últimos que fiz. Lê-o com um bocado de terra na mão...

Talvez pronunciem as palavras, necessárias a expressão evidente. Talvez sejam mesmo sinceros ao rodearem de flores o amigo ausente. Talvez se lembrem de indagar a vida

e se apercebam de súbito do seu terrível mistério.

Talvez pressintam cruces vivas em terras distantes do calvário. Talvez... Mas a palidez o símbolo rouco da batalha a mágoa oculta nesse ser absorto que um dia sem pudor despiu o

pensamento e partiu numa mortalha... Essa! Ninguém a partilhará.

Talvez... pobre e ignorado coração! talvez alguém descubra entre os lábios da navalha o sorriso podre da solidão...

ao José Mário
22 Jan. 63 — Lisboa

Uma lenta e pavorosa farsa. Venho de assistir ao início duma procissão. Um pouco como se viesse do Rossio por uma tarde de Maio, por uma daquelas tardes em que conseguimos desmentir a primavera, em que gritamos desde o fundo da alma. Toda aquela gente, toda aquela pompa, um sabor a erro antigo, a falsidade. Sei que estou longitudinalmente triste. Nunca mais, nunca mais acreditarei em Deus. O mundo é feio, nenhum abrigo. Começo a odiar os católicos portugueses. Sabes o género: com umas vestes vermelhas e casaca, uns tantos senhores, um sorriso profissional colado nos lábios, seguiam à frente do crucifixo-mor. Um senhoras, algumas delas requintadamente belas, seguiam também silenciosamente fartas. E eu assistia a tudo isto roendo os nervos, mastigando a dor de me saber só, quase só, estrangeiro no seio da multidão, digamos cega. Sinceramente, estarei louco, eu que procuro seguir o itinerário dos povos, eu que tento alcançar a verdade contida nos gestos mentais dos grandes obreiros do edifício do século, eu que procuro os mensageiros da humildade, os seareiros do amor, estarei eu louco porventura? Tu ainda não sabes o que é não poderes falar com ninguém dos acontecimentos que se desenrolam diante de ti, não poderes, claro, falar à vontade, especular, em suma. Um autêntico cerco, um AZUL INFERNAL! Em cada oficial do R.I. 3 vejo um «cadáver adiado que procria» para não dizer um polícia disfarçado ou um pistoleiro recente. Vulgarizo-me quotidianamente. A continuar assim acabo os meus dias a sonhar com mulheres fáceis e vinho quase verde. Perdoa mas despeço-me. Apanharei uma camada (expressão regional da lusitaníssima bebedeira) Zé. P.S. ainda por cima, Sophia Breyner ganhou o grande Prémio de Poesia...

Isso, disfarcem, lancem flores sobre o cadáver. Quando deixaremos de alimentar toupeiras?

ao Francisco
Julho 64 — Beja

(Continua no próximo número)

Para ti Camarada

Para ti camarada...
 Que a vida marcou com mágoa
 Lágrimas e silêncio
 Angústia e raiva incontida
 Entrego-te a minha palavra aberta
 Dou-te a palma da mão amiga
 Envio-te a alegria que recuso ter
 Olha camarada...
 As paredes frias da vida
 Que nos gelam a vontade de querer
 Que nos recusam a ilusão de ser
 O príncipe loiro, heróico ou covarde
 Vê, a miséria que te rodeia os
 braços
 Calcula a tristeza dos que vivem
 com dor.

Para ti camarada...
 Que mal conheço, une-me a vontade
 De te dizer coragem na esperança
 Raiva na luta do quotidiano
 Aqui está a minha presença viva
 A minha ideologia esmagada
 Agarra-te ao momento de partir
 E camarada...
 Lutemos com braços despidos
 De dentes cerrados no ar sufocante
 Avancemos até ao limite das forças
 Sem recuar ou desistir por acaso
 Lutemos contra o desprezo que
 nos dão
 E dá-lhe a indiferença de cara a
 cara

Para ti camarada...
 Estas letras de sangue, é tudo
 O que neste momento, posso lançar
 Ao mundo que me subjuga e odeio
 A força que me alia ao isolamento
 E a ti camarada...
 Um abraço bem forte pela imagem
 Que podemos criar do nosso mundo
 Pela amizade que de longe criámos
 Neste conselho que daqui te lanço
 Deixa os momentos incertos e
 curtos
 Parte sem medo, para lá do real
 Descobre, o irreal nesse cérebro
 feliz.

E olha camarada...
 Não vejas a morte, mas o prazer
 A falsidade, mas a alegria
 O cinismo, mas o sorriso
 A mentira, mas o beijo
 A traição, mas o amor
 Não vejas os outros...
 Mas aquilo que és
 O que desejas
 O que procuras
 O que podes fazer
 (E não o que te deixam fazer).

«JOÃO»



SEM COMENTÁRIOS



Conselho de Amigo

Dize-me poeta, o que fizeste,
 Ao teu brio, ao teu talento.
 Às vezes chego a crer que já
 morreste.
 Ou então que mataste o
 pensamento.

Já esqueceste a arte de compor?
 Será que já não sabes escrever?
 Como amigo peço-te um favor,
 Não percas as noites a beber.

Não vivas preso ao que passou
 Não passes os teus dias absorto,
 Naquilo que lá vai e acabou.

Constrói um viver com mais
 conforto,
 Aceita estes conselhos que te dou,
 Senão, antes quero ver-te morto.

«LUIS MARQUES»

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 5

HORIZONTAIS

1-Germe; Estrado onde os soldados dormem; Ofereces. 2 - Intervalos; Paus inclinados com degraus; 3 - Brancos; Astro-rei; Serra de Port. 4 - Lamentos; Par; Miserável. 5 - Consoantes de pedra; Sorte; Gritos de dor. 6 - Prep. e art.; Pecado; Partes destacáveis de certos frutos; Em partes iguais. 7 - Une; Essencial. 8 - Habilidade; entregar; Soldados. 9 - Atribui; rebolar; Província de Angola; Gesto. 10 - Nome Feminino; Anuir; Regressar; Cidade Espanhola. 11 - Chão; Compartimentos de Casas; Esticado.

VERTICAIS

1 - Capa sem mangas; Desfiles Militares. 2 - Sebe; Trapo; 3 - Escutar; Atomo (S. Q.); O mais. 4 - Sinal de perigo; Segurar. 5 - Bigorna de ourives; Aros. 6 - Campeão; Rosto; Lírio; 7 - Rio de Portugal; Senhora; 8 - Raivosa; Taberna. 9 - Soltar; Siga. 10 - Nome de letra; Atilhos; Repetição. 11 - Ajuda (f.g.); Esquecer. 12 - Cento e Quatro; Mineral Terroso. 13 - Tempo do V. dar; Sono (Inf.); A ti. 14 - Nome Fem.; Cacetes. 15 - Puras; Retribuição de serviços.

1																	
2																	
3																	
4																	
5																	
6																	
7																	
8																	
9																	
10																	
11																	

Soluções do problema N.º 4

Horizontais —

1 - Mel; Timpano; Oco. 2 - IX Pera; Ruim; Ar. 3 - Maneta; Areola. 4 - Orate; Tia; Ondas. 5 - Asa; Orago; Ter. -Ar; Selo; Arte; Au. 7 - Uva; Ar. 8 - Colorir; Acelera: 9 - Obi; Id; Arum; Ran. 10 - Su; Acourelar; Io. 11 - Somos; Amo; Aros.

Verticais —

1 - Mimo; Arcos. 2 - Exarar; Obus. 3 - Nas; Ali. 4 - Petas; Am. 5 - Tete; Eurico. 6 - Ira; Olvidos. 7 - Ma; Troar. 8 - Fia; Ara: 9 - Ar; Aga; Arem. 10 - Nua; Oraculo. 11 - Oiro; Trema. 12 - Mente; Ra. 13 - Ode; Ver. 14 - Calar; Raio. 15 - Oras; Ufanos.

ARITMOGRAMA

Soluções

do Problema n.º 4

Horizontais —

5x1+3=8
 6:2+4=7
 1+4-3=2

Verticais —

5+6+1=12
 1x2+4=6
 3+4-3=4

3	x		+		=7
+		x		+	
	:		+		=10
+		+		-	
	+		-		=6
=9		=13		=4	

J.P.

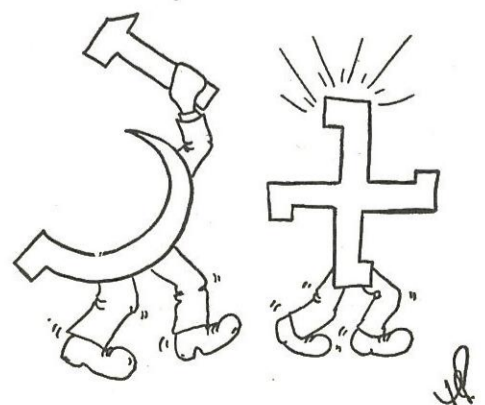
Assinar o ELO significa estar de acordo com um conjunto de ideais e sobretudo apoiar os deficientes na sua luta.

A divulgação do ELO estará de certo modo dependente da boa vontade de cada um.

Assinatura Semestral — 30\$00

Assinatura Anual — 60\$00

Escrevam para o Palácio da Independência (JORNAL ELO), Largo de S. Domingos — Lisboa - 2.



ACTIVIDADES DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Secção de Educação e Cultura

Como é já do conhecimento geral e, ficou expresso no n.º 3 do nosso jornal de que se tinha dado início no passado dia 20 de Janeiro, a mais um curso (Inglês) aqui na nossa Sede.

Pois este curso começou a ser atracção daqueles que querem andar em frente e nunca parar.

Assim, este curso começou a ser ministrado com 7 alunos, mas diálogo após diálogo, dos alunos com os seus camaradas deficientes, em conjunto, viram a proficuidade deste curso e então, vai já somatoriamente num n.º de 14 alunos a frequentarem-no.

Aproveitando o ensejo lanço um apelo para todos os camaradas deficientes, que queiram frequentar este ou qualquer outro curso e, que residam em Lisboa e arredores, venham pois até à Associação e inscrevam-se nesta Secção.

Quanto ao funcionamento e rentabilidade dos outros cursos, nomeadamente: Ciclo Preparatório, 1.º Ciclo Liceal, Instrução Primária e Dactilografia, tudo corre pelo melhor, o aluno, tenta apreender o mais possível, muito embora a sua assimilação seja difícil, dado o seu carácter especial pela deficiência traumatizante. O Professor dá-lhes o seu melhor.

Objectivamente o que se pretende é uma total reintegração dos deficientes na Sociedade Normal.

Neste sentido e, para este fim, está prevista uma entrevista com o Sr. Ministro da Educação e Cultura, para que através desse Ministério se promova, mas noutros moldes o ensino a deficientes, não só, mas também solucionar alguns problemas inerentes ao referido ensino

Em súmula: o que se pretende é, aproveitar a positividade da já quase esquecida Lei 6/71 a qual insere o seguinte: compete designadamente, ao Ministério da Educação e Cultura:

- Promover o ensino escolar de deficientes.
- Proporcionar a sua educação especial.

Por lapso, no passado dia 31 do nosso jornal n.º 3 e no artigo correspondente à Secção de Educação e Cultura, lê-se nas linhas 4 e 5 o seguinte: no pretérito dia 20 de Fev. de 75, deu-se início a mais um curso, etc....

Pois deve ler-se, no pretérito dia 20 de Janeiro de 75, deu-se início a mais curso, etc....

REABILITAÇÃO

Quando a A.D.F.A. pensou em fazer no dia 31. de Janeiro passado, uma sessão de esclarecimento no Pavilhão dos Desportos, pensou logo em abordar Centros de Reabilitação e hospitais a fim de os deficientes, e neles internados, sobretudo os civis, fossem devidamente esclarecidos sobre o que se iria processar na dita sessão. Nessa base, visitámos alguns centros, um dos quais o Alcoitão. Qual foi a impressão desse Centro?... Pura e simplesmente assoladora. Depois de contactarmos o responsável pelo Centro, este deu ordem ao pessoal encarregado para avisar os internados que teriam uma reunião conosco.

Os tratamentos terminavam às 16 horas, e como nós chegámos muito mais cedo, preferimos esperar a interromper os tratamentos.

Esperámos e voltámos a esperar. Eram cerca de 16H30.

Os camaradas deficientes?... não apareciam. Perdão. Os nossos camaradas deficientes das Forças Armadas apareceram uma vez que tínhamos estado a falar com alguns deles enquanto esperávamos.

Mas essa não era a nossa verdadeira finalidade.

Em face dessa demora, resolvemos intervir de novo junto do responsável do Centro expondo o facto.

Disse-nos este que ia tratar do assunto pessoalmente, mas estamos convencidos que ainda hoje podíamos estar em Alcoitão à espera que aparecessem os deficientes.

Assim, resolvemos falar aos oito ou nove que apareceram. Ao sairmos, verificámos que havia muitos deficientes por todos os lados, excepto na sala onde tínhamos marcado a reunião.

Perguntámos-lhes, foi avisado de que se efectuava uma reunião na sala do auditório? Não, não sabemos de nada, responderam, e todos nos disseram que não.

O bar estava cheio de internados rodeados de pessoal de serviço, sobretudo pessoal feminino.

Dá-nos a ideia pelo que observámos, que o próprio pessoal que trabalha no Centro de Reabilitação de Alcoitão faz, tudo por tudo para que os deficientes ali internados não se apercebam do seu estado, não se apercebam que ali não é o seu mundo, que ali estão morrendo lentamente. Dá-nos ainda a ideia, de que têm medo que os nossos irmãos por deficiência se organizem em associação que imponha os seus direitos, que se apercebam que a sua passagem por Alcoitão, é apenas para um verdadeiro tratamento de reabilitação e um pré-começo para que futuramente possa ser um verdadeiro trabalhador contribuindo para um Portugal mais vivo e sem marginalizados.

Apesar disso, alguns deficientes civis apareceram na nossa sessão de esclarecimento e estamos certos, que muito mais apareceriam, se não corresse certos boatos deturpando os acontecimentos da tarde do dia 31 de Janeiro.

Alguns deficientes civis disseram em plena sessão, que não tinham uma associação que os representasse. Inclusive, até pediram a nossa ajuda. Pela nossa parte, podeis estar certos, amigos, que estamos convosco.

A nossa Associação, democraticamente eleita, estará sempre ao lado daqueles que precisem do seu apoio, da sua ajuda e sobretudo no sentido de ser criada uma força que possa impulsionar o lugar que vos compete na sociedade do nosso país.

PROCURA E OFERTA DE EMPREGO

No último número escrevemos, a propósito de trabalho, que «lá vamos também como que esmolando trabalho para os deficientes das

Forças Armadas».

Ironicamente, nós, que repudiamos a prática da esmola, vemos como única saída esse recurso degradante. O grande número de associados que, inscritos nesta Secção, aguardam emprego e os milhares que ainda não estão inscritos, mas por esse Portugal fora sempre viram cerceado esse elementar direito, que é o direito ao trabalho, fazem-nos pensar e repensar, sem, contudo, podermos achar uma solução objectiva.

Os associados, em reuniões semanais, pedem contas aos responsáveis da A.D.F.A. Os responsáveis da A.D.F.A. sabem onde está o cerne da questão, pedem contas aos verdadeiros culpados, mas contas que ainda não foram prestadas. São esses culpados, esses que eram os responsáveis, os mesmos, precisamente os mesmos.

Eles estão à frente de todo o processo de reabilitação e integração social em Portugal, tudo fazendo para impedir o andamento desse processo.

O trabalho deles consiste em boicotar a revolução, evitar que ela atinja os seus objectivos.

Esse trabalho terá tanto êxito quanto maior for o descontentamento e maiores as dificuldades. Mas... e quem sabe, talvez não tenha.

Determinámos realizar uma Assembleia Geral Extraordinária para, em conjunto, decidir da atitude a tomar perante este impasse provocado.

É bom não esquecer que «o Povo está em luta».

JORNAL «ELO»

O nosso Jornal tem sofrido ultimamente um grande incremento de assinaturas e de novos sócios, esperando-se que esta afluência se torne nos dias mais próximos cada vez maior, visto que a divulgação levada a cabo por todos nós e o crédito que os deficientes têm na sua Associação levou-os a procurarem o nosso jornal, porta-voz de todos os problemas comuns e da nossa vida associativa.

Sendo assim, este incremento não tem permitido o normal envio e funcionamento desta secção, verificando-se atrasos na sua entrega pelo correio, ao domicílio, devido à exiguidade de pessoal que trabalha nesta secção.

É provável que estas anomalias e inconvenientes para alguns dos nossos estimados leitores se prolongue por mais algum tempo enquanto este aumento de actividade se mantenha.

Verifica-se igualmente que um grande número de jornais nos são devolvidos, pelo facto da comunicação, de direcções erradas ou incompletas ou por mudança de residência.

Pelo atrás exposto solicita-se a todos os leitores que por qualquer motivo não tenham ainda recebido algum exemplar do nosso jornal que nos escrevam indicando legivelmente o nome e morada para a seguinte direcção:

JORNAL «ELO»
Palácio da Independência
Largo de S. Domingos
LISBOA - 2

ou telefonem para os seguintes números: 36 21 67 ou 36 29 86/7 (extensão - 6 ou 31).

PARA A HISTÓRIA DA ADFA

Continuação da pág. 6

Porquê tanta reticência? Tanto jogo na manga? Porque não se aproximam eles dos seus SERÓDIOS IDEAIS VOCACIONAIS, lutando por esses decretos que em nada afectam o miliciano por excelência?

Porque não se degladiam eles com os Q. P.s.?

Nas faculdades e eleições sempre mostraram tanta força!... E agora?...

Que concluir deste jogo camarada? Joga-se um Decreto? Apenas um Decreto?... Afecta-nos a nós MILICIANOS PUROS?

Linós, Pereiras e outros Maltezes... Rusgas... Cães policiais... espancamentos etc, etc, é este o mobiliário feito de ódio que ornamenta a sala de partos onde é parida esta Nação de milicianos.

Mais ainda que os Q. Ps. nós deveríamos ser temidos, pois, segundo consta, jamais na Academia entrou Polícia de Choque.

Que sabemos nós de movimentos de capitães do Q.P., dos Q.E. Os ou dos oriundos? Uns pouco, e a maioria nada, contudo nas entrelinhas do panfleto dos espúrios adivinham-se que algo poderá de facto existir que algo poderá de facto existir nos bastidores, algo que eles próprios temem e que a sua cobardia os levou à incoerência da revelação.

Será que a alvorada tardia irá, por fim, romper a negridão da longa tempestade (que poderia ter-nos asfiziado) não fora o oprimido tórax de todos nós, a resistir às investidas dos carrascos.

Resta-nos estar atentos e por hora agradecer aos «espúrios»:

OBRIGADO «ESPÚRIOS» PELA REALIDADE QUE DEIXAIS ADIVINHAR NOS VOSSOS FRÁGEIS E LACRIMOSOS ARGUMENTOS.

A História da ADFA é a História duma revolução.

A reintegração percorre ela também os caminhos da Liberdade.

PONT
ZER



No Portugal Fascista o processo de marginalização atingia quase todo o Povo, mas de entre o Povo eram os Deficientes os mais atingidos.

A luta contra a marginalização e pela integração social terá que ser a luta geral do Povo Português que neste momento está em luta.

"COMUNICADO DOS ESPÚRIOS"

CAMARADA OFICIAL MILICIANO

1. Já viste quantos oficiais do Q.P. estão contigo na guerra, mas na guerra de facto: no DURO, nas MATAS, nas PICADAS?...

Conta-os e faz a percentagem em referência aos oficiais milicianos.

Se não tiveres dados pergunta aos teus amigos que por lá se batem.

2. Já pensaste que te são exigidas as mesmas responsabilidades enquanto estás nas fileiras?... Sujeito ao R.D.M., Código de Justiça Militar, etc., etc.?

3. Já te apercebestes, no entanto, que não tens a totalidade dos direitos dos oficiais do Q.P.?

Que és considerado, apenas, como um adventício inoportuno mas necessário, que é necessário explorar para os outros folgarem mais e treparem?

4. Mas não é tudo camarada miliciano.

Se acaso sentires vocação para continuar nas fileiras e desejares ingressar na Academia Militar, ainda que sejas louvado e condecorado como um oficial extraordinário, sabes qual a reacção de grande parte de oficiais do Q.P.?

5. Nós esclarecemos-te, que estamos cá dentro e somos do Q.P. oriundos de milicianos:

a) O que aprendeste como miliciano não conta. Só serviu para ires para a guerra e colocar-te na alçada do R.D.M. e Código de Justiça Militar.

PARA A HISTÓRIA DA ADF A

Realizou-se no passado dia 31 de Janeiro de 1975 a nossa Sessão de esclarecimento e consciencialização.

Para se compreenderem algumas afirmações de que o Movimento de Deficientes tem ligações directas e participação activa no Movimento clandestino de Capitães, transcrevemos hoje 2 Comunicados.

O primeiro pertence aos auto-denominados espúrios que defendiam os tais decretos, mas não só!

O segundo que foi elaborado por milicianos deficientes que, conhecendo de perto as intenções dos Puros e dos Espúrios, apoiaram aqueles, denunciando estes.

Existe um outro comunicado no meio destes que não nos compete a nós, por hora, revelar e ao qual nos referimos no primeiro parágrafo do nosso Comunicado (o 2.º).

b) O ponto de referência para a tua antiguidade é apenas a data de saída da Academia.

c) Podes já ser capitão, tenente ou alferes com vários anos de serviço. Entrás, contudo, na Academia e ficas à esquerda de rapazes que têm apenas o sétimo ano liceal e nem sequer sabem se têm vocação militar.

6. Sabes que há oficiais do QEO cuja bagagem de conhecimentos não precisou da Academia e que não deixam de ser oficiais valerosos?...

7. Sabes que saíram dois Decretos ainda não executados, dos quais um ajustando o primeiro, pretende que seja contado como prestado no Q.P. para efeitos de antiguidade, o tempo de serviço efectivo como miliciano?

8. Sabes que uma parte dos oficiais do Q.P. imediatamente se insurgiu quanto à sua execução ainda que os mesmos venham a ser ajustados, para não haver prejuízos?...

9. Sabes que querem a derrogação total dos mesmos, porque pensam que se vieres para a Academia te será contada a antiguidade de miliciano?

10. Sabes que para arranjam partidários derivaram para motivações que nada têm a ver com esta parte dos Decretos no que se refere a antiguidades? Quer referindo que o oficial ganha pouco, que não tem prestígio, que a guerra é para todos, que um novo curso da A. M. a ser criado é desprestigiante, etc. etc. O que pretendem, na essência, é que te seja negado agora esse direito de antiguidade de miliciano.

11. Já pensaste que nunca rea-

giram ao ganhar pouco, ou a outros requisitos importantes, senão quando saiu um Decreto que te reconhece valor como miliciano?

12. Sabes o que circula nos bastidores?... Que alguns oficiais do Q.P. oriundos de cadetes pensavam em engavetar os outros oficiais do Q.P. e milicianos que não pensassem como eles para pressionarem, depois o governo com vista a te não ser dado o direito de que falei.

13. Sabes que um comandante pensava, num fim de semana, mandar-te para casa e ficar com os outros oficiais para tentar fazer um pronunciamento militar?... Conquanto tenhamos dúvidas que o conseguisse, porquanto as unidades só, quase, têm Sargentos e oficiais milicianos, vê tu a que ponto vai o maquiavelismo!...

14. Alerta-te camarada. Não permitas que alguns do Q.P. te calquem. Ajuda a pugnar pelo prestígio do Exército mas não te iludas com derivações que nada têm a ver com Decretos que, num aspecto parcial te reconhecem valor.

15. Não penses mal de todos os oficiais do Q.P.. A grande maioria reconhece-te esse direito. Se esses oficiais ultra-extremistas te reconhecem valor que apoiem o D.L. na parte que te confere direitos. Que separem o problema da duração do Curso da Academia e ainda outras derivações do fulcro essencial. Depois sim; todos milicianos e do Q.P. ajudaremos a construir um novo estatuto que melhore esta «Nação de milicianos».

16. Tens dúvidas camarada? Esclarece-te com oficiais do Q.P. que consideres integros oriundos de milicianos.

MILICIANOS DEFICIENTES RESPONDEM

DE MILICIANOS PARA MILICIANOS A PROPÓSITO DOS "PSEUDO-MILICIANOS" DEFICIENTES

O espírito miliciano está bem patente na réplica ao oriundo que em boa hora chegou e que nós, portadores das mesmas ideias, provamos que não teria sido errada a pretensão de representatividade da nossa classe que apesar de vasta, estamos hoje a contribuir para a tornar menos heterogénea.

Não é sem esperança que lançamos este apelo a todo o Camarada Miliciano: que siga como nós as pegadas dos pioneiros numa tentativa de tomada de posição, utópica é certo, pelo que no campo material há de impraticável no palco desta Nação (que os espúrios apelidam de Nação de milicianos), mas que ideologicamente, poderemos aos poucos ir forjando. Repara que sendo nós os verdadeiros milicianos, os do serviço militar obrigatório, não podemos, nem devemos deixar à rédea solta os amantes de Maquiavel que na sua qualidade de oriundos de fantoches pugnam apenas, para que não se altere a mão que, tão a seu jeito lhes manipula os cordelinhos.

Chega-nos à unidade (sem mais nem quê) um panfleto pouco académico e nada miliciano a tentar aliciar-nos à degladição com elementos duma geração que é nossa. Porquê? Para quê? Que temem afinal esses Neomilicianos?

Conspurar a essência da nossa classe?...

Levar-nos até eles, para que amanhã sejamos nós, «os ontem espancados nas faculdades», a espancar os milicianos em embrião?...

(Cont. na pág. 5)

DEFICIENTES

CONVITE

CIVIS

A A.D.F.A. convida todos os deficientes civis para uma reunião de trabalho a realizar, no próximo dia 15 de Fevereiro, sábado, pelas 15 horas, na nossa Sede (Palácio da Independência — Largo de São Domingos — Lisboa-2), com a seguinte ordem de trabalhos:

- Informações
- Análise da situação dos deficientes em Portugal.
- Seu aproveitamento para a manutenção das estruturas fascis-

tas por organizações fantoches.

— Discussão e aprovação duma plataforma de acção para a participação dos deficientes no processo revolucionário em curso e consequente integração social.

Este convite foi enviado, com o pedido de ampla divulgação, a várias entidades, entre as quais, sindicatos, partidos políticos e órgãos de informação.

A Propósito das Eleições

No cumprimento do programa do MFA, o Presidente da República, General Costa Gomes, anunciou, no discurso proferido para todo o País, através do maior órgão de informação, a Rádio Televisão, que as eleições para a Assembleia Constituinte se realizarão no dia 12 de Abril próximo.

Fazendo uma breve análise do trabalho efectuado durante os meses que procederam a revolução até ao presente momento, a todos os sectores da vida nacional, o presidente na sua alocução, solicitou ainda a todos os cidadãos que cumprissem a sua missão de votarem com consciência, contribuindo para a Democratização do País.

Correspondendo a este apelo e, igualmente, ao pedido de centenas

de deficientes associados que se nos têm dirigido auscultando-nos, e pedindo-nos a opinião de qual o partido político que melhor defenderá os interesses dos deficientes, iremos procurar esclarecer todos, nos próximos números publicando as entrevistas que tentaremos efectuar aos Secretários-Gerais dos Partidos Políticos da coligação governamental, assim como, a uma individualidade militar, pois que a maioria dos partidos, quer nos seus programas quer na sua propaganda eleitoral, não se têm pronunciado sobre o problema dos deficientes, ignorando ou pretendendo ignorar que existem cerca de 30 000 cidadãos (só militares), que são portadores, de algo em comum, uma deficiência física ou mental.